

AT215 - SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

DA SOBREVIVÊNCIA À DESCOBERTA: AS VOZES QUE TRANSITAM DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II AO III

NUNES, Lucrécia Dias de Araújo
Graduada em letras pela UEPB;
Preceptora no programa Residência Pedagógica (CAPES)
(nuneslu42@gmail.com)

SANT'ANA, Tatiana Fernandes
Professora no curso de letras da UEPB;
Coordenadora em Letras do projeto Residência Pedagógica (CAPES)
(tatianasanta@gmail.com)

Resumo: O Estágio Supervisionado é, na maioria das vezes, a primeira e, por que não dizer, a mais importante experiência prática na formação de um docente. Pensando nisso, o presente estudo visa analisar em dois diários reflexivos (REICHAMN, 2009) - elaborados por uma estagiária no período do Estágio Supervisionado III, do curso de Letras/Português, da Universidade Estadual da Paraíba, - a configuração de duas situações distintas vivenciadas, a intervenção no estágio II e III e identificar a voz predominante no discurso dessa docente em formação. Para isso, usaremos como embasamento teórico: Hubermann (1989), no que se refere às fases da formação profissional docente, Sobrevivência e Descoberta; Pimenta & Lima (2009), ao abordarem sobre as concepções de estágio, teoria e prática; e, sob a perspectiva da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006), as vozes (BRONKHART, [1999] 2009) presentes no discurso da autora. Diante da diferenciação da abordagem e da execução dos estágios, pudemos perceber que a fase Sobrevivência foi vivenciada pela estagiária no estágio II, e a da Descoberta, no estágio III. No que diz respeito à prática docente, no geral, constatamos que apesar das adversidades enfrentadas, a colaboradora reconhece a importância desse momento e ressalta os benefícios para sua formação, por isso, em seu discurso há um predomínio da voz da autora empírica.

Palavras-chaves: Estágio Supervisionado; Formação Profissional; Vozes.

Abstract: Supervised Internship is, in most cases, the first and, why not to say, the most important practical experience in a teacher formation. Thinking about this, the present study aims to analyze within two reflective journals (REICHAMN, 2009) — elaborated by an intern during the time of her Supervised Internship III, in the course of Modern Languages/Portuguese, of the State University of Paraíba — the setting of two

distinct experienced situations, the intervention on Internships II and III, and the identification of the predominant voice in the speech of this teacher in formation. To do so, we will use as theoretical foundation the works of Hubermann (1989) referring to the phases of professional teaching formation, Survival and Discovery; Pimenta and Lima (2009) when they approach concepts of internship, theory and practice; and, under the perspective of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006), the voices (BRONKHART, [1999]2009) present in the author's speech. In face of the differentiation of approach and execution of the internships, we could perceive that the Survival phase was experienced by the intern during the Internship II, and the Discovery phase, during Internship III. In relation to the teaching practice, in general, we found that despite the adversities, the contributor acknowledges the importance of this moment and stands out its benefits for her formation. Because of this, the voice of the empirical author is predominant in her speech.

Key words: Supervised Internship; Professional Formation; Voices.

Introdução

Ao pensarmos em Linguística Aplicada, segundo Moita Lopes (2006), devemos levar em consideração tudo que circunda o sujeito do ato da fala, desde a sua idade ao seu gênero. Com base nisso, ao analisarmos um discurso de um docente em formação, devemos nos atentar a todos os fatores presentes, a começar dos fatores concretos, como, por exemplo, a turma a qual leciona e aos fatores subjetivos, como traumas desse docente e que são denunciados em seu discurso.

Quando pensamos em cursos de licenciatura, imaginamos, de imediato, que ao adentrar em um, o licenciando irá conhecer e desenvolver práticas pedagógicas, refletir sobre elas e sobre si, enquanto profissional em formação. Entretanto, durante toda a graduação, há, somente, alguns períodos específicos direcionados, em parte, para essa formação sobre a prática do professor. Estamos falando do estágio supervisionado (PIMENTA; LIMA, 2009), no qual o docente em formação terá que resgatar todas as teorias estudadas durante a graduação e tentar associá-la da melhor forma possível.

Pensando nisso, atentamos por analisar dois diários reflexivos (REICHAMANN, 2009), produzidos por uma estagiária, durante o Estágio Supervisionado III, voltado à intervenção no Ensino Médio, mas que também faz referência ao estágio anterior (intervenção no Ensino Fundamental II), que, por sua vez, foi de grande relevância para a mesma, no âmbito profissional e

peçoal. Com base nisso, buscamos: analisar as adversidades encontradas no início da formação prática docente, ao perpassarem pelas fases da sobrevivência e da descoberta; e identificar as vozes presentes no discurso dessa estagiária.

A fim de realizar uma análise fundamentada, usaremos como embasamento teórico principalmente: Hurbermann (1989), no que refere às fases da vida profissional docente; as concepções de estágio, apresentadas por Pimenta & Lima (2009); e as vozes, propostas por Bronckart ([1999]2009).

1. Referencial teórico

É indiscutível que, ao longo da vida, depararmo-nos com fases que nos acarretam experiências e que nos constituem enquanto sujeitos. E a vida profissional do docente não é contrária a isso, segundo Hubermann (1989). O teórico aponta duas fases que corroboram para a construção do professor: a sobrevivência, que ocorre quando o docente passa a vivenciar e a enxergar a realidade educacional na qual está inserido, com todos percalços que envolvem o trabalho de ensinar, que, vale salientar, não se resume a isso; e a descoberta, voltada ao momento que o sujeito se vê como professor de fato, com todas as responsabilidades equivalentes a tal. Desta forma, pode-se dizer que a descoberta pode ser uma contribuinte efetiva para que a fase da sobrevivência seja enfrentada e superada.

Para vivenciar as fases apresentadas por Hubermann (1989), é absolutamente necessário que o docente enteja em sala de aula, o que, para a maioria dos licenciandos, a primeira oportunidade surge através do estágio supervisionado, no qual, segundo Pimenta & Lima (2009), nada mais é que uma atividade de cunho investigativo que busca refletir sobre a sala de aula e a escola como um todo.

Ao assumir o lugar de fala, o professor sujeita seu discurso a interpretações, visto que o interlocutor é carregado de conhecimentos prévios que contribuem para esta ação. Diante disso, podemos considerar os estudos de Bronckart (2009), acerca da teoria do Interacionismo Sociodiscursivo – ISD,

que visa estudar na língua, seja ela falada e/ou escrita, em todas as influências que a compõem. O teórico apontou três níveis que formam o enunciado, sendo eles: os mecanismos de textualização (coesão verbal e conexão), os mecanismos de textualização (coesão verbal) e os mecanismos enunciativos (modalizações e vozes).

Tendo em vista as vozes, mecanismo enunciativo, base do presente estudo, Bronckart ([1999]2009) expõem três classes: a do autor empírico, que ocorre quando o enunciador se torna responsável pelo o que está sendo dito; a dos personagens, que diz respeito ao discurso de outrem, sendo este demarcado ou não; e a social, que configura a voz de um todo, ou seja, a voz que representa um determinado grupo social.

2. Fatores Metodológicos

Por essa nossa pesquisa ser de cunho qualitativo-interpretativo (BORTONI-RICARDO, 2008), o corpus é constituído por fragmentos de dois diários reflexivos (REICHAMNN, 2009), elaborados por uma estagiária, durante o período do Estágio Supervisionado III, do curso de Letras, da Universidade Estadual Paraíba. Eles foram inscritos no ano de 2017, entre outubro e novembro.

O estágio ao qual está vinculado é voltado à intervenção no Ensino Médio, porém, em alguns momentos, a diarista faz menção ao estágio anterior, ou seja, o estágio com intervenção no Ensino Fundamental II. Ela reflete sobre sua experiência realizada em uma escola pública situada na cidade de Campina Grande, Paraíba, em uma turma de 2º ano do Ensino Médio.

A colaboradora da pesquisa é formada em Letras-Língua Portuguesa, pela UEPB. É professora em um colégio municipal na cidade de Alagoa Nova/PB, onde reside. Além disso, atualmente, participa como preceptora do projeto Residência Pedagógica (CAPES), que tem como principal objetivo a formação prática de estudantes de licenciatura.

A diarista produziu seis diários, dentre eles, serão analisados o primeiro e último, visando entender as mudanças que ocorreram nesse meio tempo. O

primeiro diário foi escrito no dia 16 de outubro de 2017 e o sexto, no dia 20 de novembro do mesmo ano.

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

- *A sobrevivência*

Ao analisarmos o primeiro diário, percebemos que apesar de ter sido escrito no período do Estágio Supervisionado III, a diarista faz menção a sensações que ficaram como resquícios do estágio anterior. Dessa forma, constatamos que a estagiária havia passado por uma das fases de Hubermann (1989), a sobrevivência, logo no início da carreira docente, ou seja, na sua formação prática.

Diário 01:

A minha angústia maior era ter que passar novamente por todo aquele processo tão traumatizante que foi o estágio II [...]

A colaboradora ressalta que a experiência do estágio não foi, de fato, reflexiva, como é traçado em seu principal objetivo, segundo Pimenta & Lima (2009), e sim, traumatizante, uma vez que a diarista foi exposta à realidade escolar e, por sua vez, também estava sendo avaliada, no que se refere a sua performance enquanto professora, que, vale ressaltar, é duramente influenciada pelo contexto da sala de aula em que estiver. Configura-se assim, na fase da sobrevivência.

No que se referem às vozes, identificamos a presença a da autora empírica, sendo ela uma estagiária, dado que o “eu” está demarcado através do pronome possessivo “minha”, que se refere à angústia que sentira ao imaginar que no presente estágio, passaria novamente por todos os percalços que a traumatizaram, como a mesma fala.

Apesar de o estágio II ter deixado traumas, isso não implicava necessariamente que o próximo fosse igual, dado que haveria uma mudança de escola, de turma, de nível de ensino, de professora da turma e de

supervisora. Entretanto, a autora empírica mostra-se apavorada com essa possível realidade.

- *A descoberta*

Ao final da experiência de regência no ensino médio, a diarista mostra-se extremamente satisfeita com o resultado alcançado:

Diário 06:

Hoje foi o último encontro. Estou muuuuuuuuuuuuu feliz, apesar dos pesares, eu consegui! Fiquei muito satisfeita com as produções dos alunos, pois, para mim, o que mais importava não era pagar a cadeira[...]

A princípio, a diarista ressalta o sentimento que predomina no momento de finalização do estágio, a felicidade. Em seguida, declara que, apesar dos pesares, ela conseguiu, assumindo indiretamente que ocorreram problemas, mas que a mesma os superou. Sendo assim, constatamos a fase da descoberta, que ocorre quando a colaboradora supera as adversidades e se reconhece como professora.

Percebemos assim, que não houve simplesmente uma mudança de fase, mas a perspectiva de estágio também mudou. A estagiária assumiu que cursar a disciplina não era tão relevante, e sim, o ato que ensinar efetivamente aos alunos. Infelizmente, muitas vezes, o estágio não abre espaço para o exercício de reflexão, fazendo com que seu principal objetivo seja pressão, tensão, medo.

Ainda nesse exemplo, percebemos que, assim como a fase e a visão do estágio foram mudadas no dizer da diarista, a voz não foi. No início, ela declara estar muito feliz, quando se reporta ao último encontro, o encerramento do estágio. Nesse instante, identificamos que o “eu” que emana esse sentimento é caracterizado pela voz da estagiária, visto pela perspectiva da conclusão e superação da tão temível disciplina.

A partir dos exemplos analisados, percebemos mudanças no que se refere as fases vivenciada pela estagiária, as diferentes visões do estágio que, vale salientar, depende do seu contexto, e a voz que parece ser só uma estagiária, mas, que vista de uma perspectiva analítica, denuncia uma docente em formação no processo de crescimento profissional e pessoal.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A vista dos resultados, concluímos que o trabalho docente é heterogêneo. É a junção de teorias, vivências e práticas, além de ser sucessível a influências internas e externas da sala de aula. Por isso, cada estágio deixa marcas ímpares, que devem ser categorizadas de acordo com as circunstâncias. Embora a voz presente tenha sido a voz da autora empírica, sob a perspectiva da estagiária, pudemos perceber que essa também mostrou faces que confirmam essa alternância diante do que vivenciara.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. P. 9-48.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, texto e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, [1999]2009.

HUBERMANN, m. *O ciclo da vida profissional dos professores*. In: NÓVOA, A. (org.) *Vida de professores*. Trad. Maria dos Anjos Caseiro e Manoel Figueiredo Ferreira. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995, p.33 R 61. (Coleção Ciência da Educação).

MOITA LOPES, L. P. da. *Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*. In.: _____ (org.). *Por uma linguística Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NUNES, Lucrécia Dias de Araújo. *As vozes “que falam e que deixam falar” no dizer de uma professora em formação: uma experiência no estágio supervisionado*. 2018. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

PIMENTA, Selam Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena Lima. *Estágio e Docência*. 4. ed. São Paulo: Cortez. 2009. p. 27-76.

REICHMANN, C. L. *Ensinar, escrever, refazer(-se): um olhar sobre narrativas docentes e identidades*. In.: PEREIRA, Regina Celi e ROCA, Pilar. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 69-85.